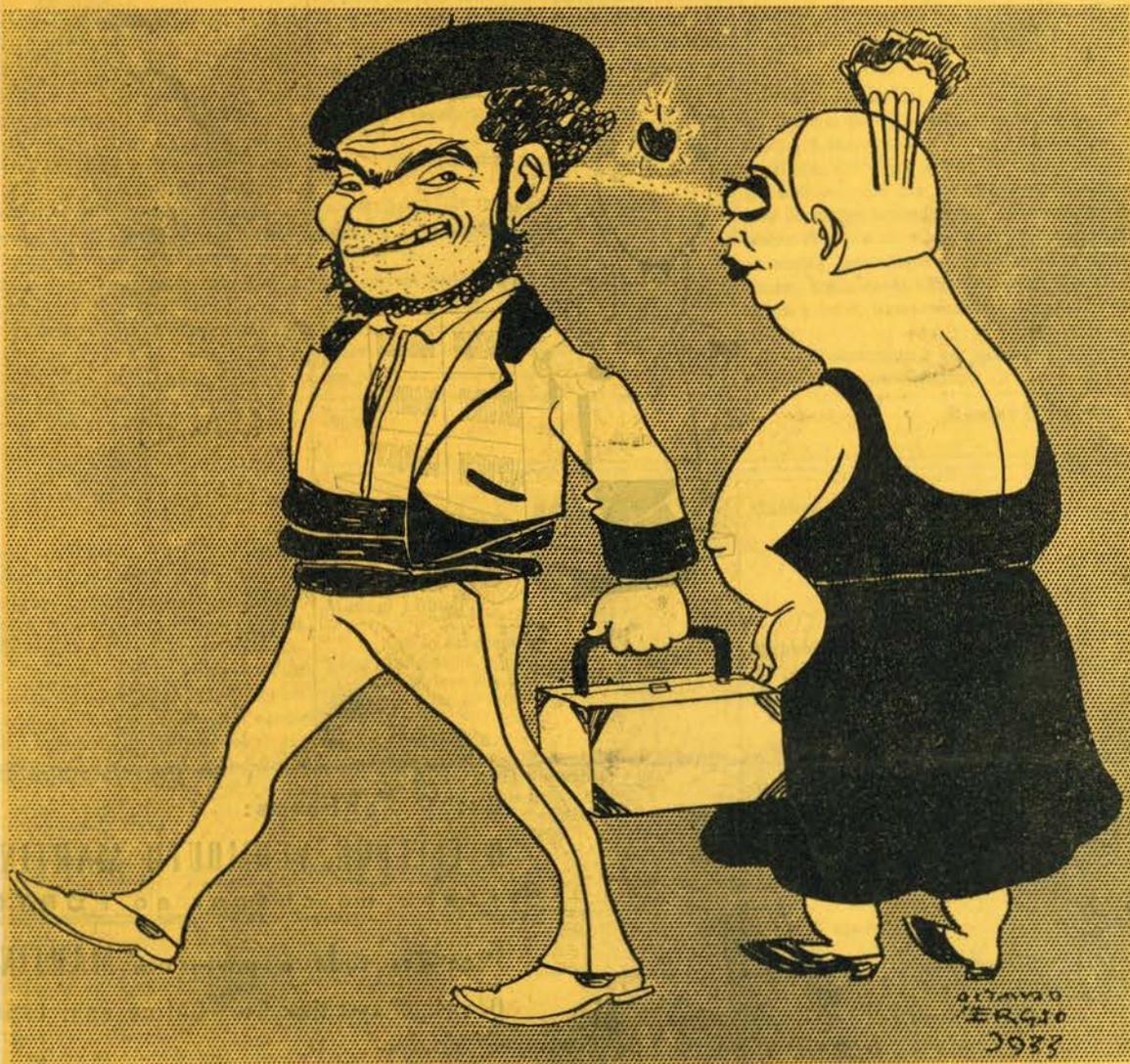




A Semana Luso-Galaica



— Não achas que devemos aproveitar esta semana para estreitar as nossas relações?
 — Pois sim, mas eu vou num instante levar o ouro ao Banco de Portugal...

Propriedade da Empresa do Magazine « Civilização » L.ª da

Redacção e Administração,
Rua do Almada, 107-2.º
Telefone, 1819 — PORTO

Composto e impresso na
Imprensa Portuguesa,
::: Rua Formosa, 116 :::

EDITOR:

E. COSTA MONTEIRO



Directores literários:

Arnaldo Leite, Carvalho Barboza e José de Artimanha

Director artistico e secretário da redacção:

Octávio Sérgio

Condições de assinatura:

Continente e Ilhas

Ano 4\$500
Semestre 2\$500

Colónias

Ano 50\$00
Registado 70\$00

Estrangeiro

Ano 60\$00
Registado 100\$00

Número avulso 1 escudo

Anúncios: Preços convencionais

VERMOUTH MARTINI



Ex.^{mos} Senhores:

O CÉLEBRE VERMOUTH MARTINI
acaba de chegar ao PORTO

Peça em tôda a parte um MARTINI

O melhor aperitivo ♦ Cálice esc. 1\$50



Factos e prestações

Crónica anacrónica

Einstein, o célebre homem de ciência germânico, não é só um grande sábio: é também um belo humorista. Demonstra-o o seguinte diálogo que elle travou com um jornalista na América do Norte, onde se encontra:

— Julga absolutamente certa a sua teoria da relatividade?

— Julgo; mas só de aqui a cinquenta anos ella pode ser confirmada com absoluta segurança.

— Os seus compatriotas devem sentir-se muito orgulhosos por contarem entre os seus um sábio tão ilustre.

— Os meus compatriotas... jogam pelo seguro, e estão à espera de que passe o meio século para se decidirem a meu respeito. O mesmo faz a França. E de aqui a cinquenta anos, se de facto aertei, os alemães dirão que eu sou alemão, e os franceses que sou judeu. Se não aertei, os alemães dirão que sou judeu, e os franceses que sou alemão.

Hão de concordar que a *boutade* é deliciosa, e não tão despida de verdade como à primeira vista poderia supor-se. A prova é que o ditador Hitler não esperou pelos cinquenta anos de observação para o declarar francamente judeu. E como os judeus estão passando um mau bocado — um péssimo bocado! — na Alemanha, Einstein confessou a outro entrevistador que ainda não sabe se tornará a pôr os pés na imperial república germânica.

E' melhor não tornar, para seu descanso. Como há de agradar a teoria do relativo a um governo absoluto?

Singular criatura, este tiranete de bigodinho à Charlot, que começa por pintar tabuletas na Austria e acaba por pintar o diabo na Alemanha! Sómente, a tinta de que agora se utiliza nas suas pinturas é vermelha, feita com o sangue dos milhares de vítimas que já fez em poucas semanas de mando. E quantas mais fará ainda este Kaiser em cuecas, até que a Europa sensata lhe vista aquela camisa especial, também de cor parda, que se usa nos manicómios?

A Inglaterra, que durante séculos se manteve no seu « esplêndido isolamento », descobriu agora, pela mão de Macdonall, uma nova maneira de continuar sôzinha: o « isolamento a quatro ».

Tal qual como o nobre Selim-Pachá, da Turquia, que chegou-outro dia à Suíça, para tratar a sua neurastenia pelo isolamento, — mas acompanhado das suas três mulheres.

E parece-me que há de haver mais harmonia no lar do magnate otomano que no « pequeno concerto europeu » pôsto em prática pela Grã-Bre-

tanha. Por enquanto é um concerto de violinos. Mas o jazz está pronto, — e não tarda que comece a pancadaria.

Que vamos ficar sem colónias... Que Macdonall e Mussolini fizeram um acôrdo para no-las bifarem, como quem sopra uma pedra de damas...

E' isto o que se ouve; é isto o que soa e se propaga, só porque um jornal francês trouxe duas lérias a semelhante respeito. Desmentiu Mussolini, desmentiu Macdonall, desmentiu o próprio governo português. E não obstante, já se fazem cortejos, se mobilizam camisas de combate — cotas de malha, peitorais, couraças? — e se fala rijo e teso ao estrangeiro rapace...

Heróis do mar, nobre povo!...

O' senhores! Deixem o país descansado, e guardem as camisas na gaveta, com a competente naftalina para não ganharem traça! As colónias não correm perigo. Já, há bons quarenta anos, quando a Alemanha e a Inglaterra tinham feito um tratado secreto, ficando esta com as nossas possessões da India e aquela com a metade da ilha que temos na Malásia, dizia um vizinho meu:

— Não haja timor, que as não largamos da mão!

Vários Manéis

Manuel Lôbo:

Eu não sei como o teu nome
Assim tanto te desgosta!
Se há uma ilha onde a câmara
De lôbos só é composta...

Manuel Borrêgo:

Se és filho do Zé Carneiro,
E's borrêgo, pois então.
Olha que quem sai aos seus
De-certo não é ladrão.

Manuel Coelho:

Sou caçador, meu coelho;
Mas não me temas, ó não!
Só caço coelhos mortos
No mercado do Bolhão...

Manuel Cabrita:

Medes dois metros d'altura
— Vê lá que coisa exquisita! —
Que em vez de seres um cabrão,
Tu- apenas és cabrita!

Mussolini suprimiu os apêtos de mão, que, no seu entender, são antiestéticos e fazem perder tempo.

Antiestéticos, não vejo bem porquê. O que elles são é desagradáveis quando os parceiros teem as mãos sujas. E quanto a perder tempo, mais se desperdiça na saudação fascista, com a agravante de cansar os braços.

Mas, afinal, é justo que suprima os apêtos de mão um homem que tem governado — aos pontapés.

Um camponês dos arredores de Braga foi dar um passeio, no rio Cávado, com três mulheres da familia. A alturas tantas, perdeu o croque com que navegava, e o barco entrou de derivar ao saber da corrente, que era forte. Grande aflição, em face do perigo iminente. Mas o homem conseguiu lançar a mão a um salgueiro da margem, detendo a corrida fatal. Estavam salvos. As mulheres, porém, erguendo-se tódas ao mesmo tempo, voltaram o batel, transformando a salvação em naufrágio.

... Exactamente o que acontece, por falta de serenidade, a certos políticos...

Marcial JORDÃO.

Manuel Leão:

Não sabias que a leão
E' mais feroz que o leão?
Levas trolha? Tem paciência,
Ou divorcia-te então.

Manuel Raposo:

O' raposo dos diabos,
Se não fôsse o camaleu
De tua estúpida espôsa
Eu marcava no liceu!

Manuel Camelo:

Não andes *neura*, Manel,
Que podes ter pesadêlos.
Repara que neste mundo,
Como tu, há mais camêlos.

Manuel Rato:

Tu caíste na armadilha
Armada p'la tal sopeira.
Pobre rato... ias ao queijo,
Caíste na ratoeira...

(Aveiro).

Olegna.

Balancete da semana

Nemo, na *Voz*, em frases bem precisas, recomenda juízo à mocidade que vibra no desejo e na ansiedade de mostrar as camisas côm do fundo docel da imensidade; e recomenda aos jovens corajosos, que usam os tais cerúleos colarinhos, que não pratiquem "actos melindrosos nem *flirts* levianos c'os vizinhos". Mas por Deus, conselheiro! Esses rapazes são acaso capazes de *flirts* imorais? Se fôsse co'as vizinhas, e da Espanha, não era coisa estranha, ainda que fizessem muito mais. Deve ser erro da tipografia, visto que é cheia de honra e de virtude a tal "irrequieta juventude" que Nemo contraria. Urge que a *Voz* emende a *gralha* enorme. Se não, temos de ver, com muita mágua, — intensa, horripilante, bruta e informe — uma *Revolução*... num copo de água!

Um lobo, em Aiamonte, introduziu-se numa quinta, sem medo aos abegões, e matou, com seus dentes carniceiros, uns quarenta carneiros e quatorze pavões. Um prejuízo, enfim, de dois mil pesos. Se o lobo passa um dia o Guadiana, nós veremos, surpresas, uma chacina muito mais insana. Quantos carneiros no país florente chamado Lusitânia antigamente! Quantos pavões, também! Carneiros que obedecem servilmente! Pavões que só vaidade e orgulho têm! Porém não era grande o prejuízo, a perda em pesos só avaliada, porque, em inteligência, ou em juízo, carneiros e pavões não pesam nada.

Vai rijo aquilo em Vigo! Uma semana que é de alto lá com ela! Já se mistura a gente lusitana com a população asturiana e a que desceu de Lugo e Compostela. Já portugueses falam o galego e falam as galegas português; e do *flirt* no plácido aconchego, têm êles a doçura de um borrego, e elas de uma pombinha a morbidez... Serviu de Letes o sereno Minho; e a escutar a voz do coração, tudo esqueceram, — como, no caminho de Gaza, Godofredo de Bulhão. Sentem o amor, — perderam a saúde. Se não fôsse o cartão de identidade, já nem sabiam de que terra são!

*Diz uma lenda: Uma vez
Três môscas, quasi sem vida,
Andavam, qualquer das três,
A' procura de comida.*

*N'uma mesa de jantar
Encontraram uns confeitos;
Mas foi só uma a provar
E logo sentiu efeitos
Horribeis, piramidais.
Vendo da morte, o acesso
Disse às outras: Não comais
Dos confeitos! São de gesso!...*

*E as restantes, chorosas
A' vista de tal tormento
Foram-se, mais cautelosas
A procurar alimento.*

*Vendo um copo com cerveja
Disse a mais esfomeada:
Não me parece que esteja
Com cheiro de envenenada;
E provou-a. Nesse instante
Declarou à companheira:
Vou ter morte fulminante
Mas não é de bebedeira!
Esta cerveja maldita,
Tinha na composição,
Uma substância esquisita
Salicilada ou não!...*

*Ao ver êste resultado,
Que a qualquer mortal comove,
N'um momento desvairado
A terceira, então, resolve
Por têrmo à sua existência
E nesse instante procura
O remédio, que a ciência
Tem p'ra sua desventura:
O conhecido papel
Mata môscas, tão usado,
Que à vista parece mel
E está sempre envenenado...*

*Em pouco tempo o encontra
Traçoeiro, tentador,
Entre doces n'uma montra.
Come dêle com furor,
Mas, em vez da morte esp'rada,
Por tanta dor, que a consome,
Sentiu-se bem confortada
Porquanto matou a fome!...*

Conceito

*Como às môscas acontece
A muita gente, que come
O que comida parece
E desta vida se some
Com cólicas, convulsões,
Porque p'ra matar a fome
Comera dois salchichões.*

*Outros... fartos do seu fado
Porque a esp'rança os não ilude,
Ingerindo sublimado
Ficam a vender saúde.*

Dr. PRETITO

NAS

Galerias Lafayette

— da RUA FORMOSA — PORTO

todos os artigos
teem um cunho
parisiense inexcédível

AUX GALERIES LAFAYET

Semana Portuguesa em Vigo

A MARIA RITA foi triunfalmente acolhida por nuéstras hermanas — A Rainha da Beleza Espanhola e as nossas compatriotas — O nosso enviado especial e a recepção brilhantíssima de que foi alvo

Impantes de satisfação

Graças a Deus e ao sr. António Ferro, a nossa MARIA RITA não foi esquecida pelos comissários da semana portuguesa em Vigo.

E assim, desde há muito que vínhamos a ser assediados para que não faltássemos às festas comemorativas de tão grandioso empreendimento, que há-de tornar indissolúveis *per secula seculorum*, os laços que já prendem tão curto as repúblicas, tão amigas e tão irmãs que parecem siamesas.

O convite que amavelmente lhe foi dirigido, dava-lhe direito a comprar na estação de S. Bento um bilhete de ida e volta pelo preço do costume, e facilitava-lhe a passagem na fronteira, mediante as formalidades em uso e o respectivo pagamento dos impostos.

Primeiro telegrama

Vigo-25, às 9 horas da noite. Cheguei há bocadito. Isto está lindo. Mandem pesetas por favor. Posta Restante. Breve. — O. S.

Primeira carta

Vigo-25, 10 h. — Meus caros amigos: Cheguei há uma hora. Já mandei um telegrama, onde, pela letra deveis ter notado o meu estado de ânimo.

A MARIA RITA fêz uma viagem triunfal... mas só agora vejo que foi pena não ter ficado em Caminha. Não sei ainda onde teremos de dormir. Desde a fronteira até aqui, foi um delírio. Aclamadíssimos, eu e a MARIA RITA. Pediram-me desenhos,

autógrafos, sei lá! Tanto se empenhavam em ter alguma coisa minha, que não contentes em me esvaziarem os bolsos, me rasgaram as roupas levando cada espanhola o seu *ratito*. Deixaram-me



como se costuma dizer, *de tanga*. Digam coisas! Mandem coisas!... — O. S.

Segundo telegrama

Vigo-26, à abertura da estação. Se não puder ser outra coisa mandem ao menos um português conhecido. — O. S.

Segunda carta

Vigo-26, meia noite — *Carísimos irmãos*: Passei um dia horrível. Nuestrros hermanos são muito galantes e simpáticos, mas se não fôsse uma espanhola, antiga conhecida daí, teria de ficar no quarto todo o dia. Felizmente ela emprestou-me um *manton* de Manilla, e nessa indumentária pude assistir com a MARIA RITA à festa de Balaidos. A rainha da Beleza tomou-me como uma dama de honor, e assim poderei fazer a reportagem para a resenha geral das festas.

Um delírio, caray! Quando a rainha falou às mulheres da minha terra, dirigiu-se à nossa MARIA RITA, personificando nela a beleza transcendental de Portugal. Babei-me todo. Mandem as pesetas pela gracia de Dios! — O. S.

Terceira carta

Amados sócios: Quando esta vos chegar às mãos, talvez já tenha deixado de existir.

Neste curtíssimo espaço de 24 horas envelheci 40 anos. Mando a fotografia para comprovar o que afirmo.

Ontem à noite não pude ir a nenhuma parte por causa da indumentária. Eram capazes de me tomarem por alguma *salerosa*. A nossa MARIA RITA está danada, e diz que não pode ficar eternamente num quarto de hotel à espera do que nunca mais chega. Ao jantar serviram-me marisco de tôdas as formas e feitios. Como o criado me olhasse desconfiadamente dei-lhe duas lagostas. Salvem-me pelas almas!...

Pela certa, se a salvação chegar a tempo, terei de trabalhar um ano inteiro para viver esta semana. — O. S.

Cá na nossa redacção, quando foi recebida esta carta ficou tudo maluco. Tinham sido tomadas tôdas as providências para que seguisse imediatamente para Vigo um combóio especial carregado de pesetas. Faltaria tudo aos que ficaram. Mas não poderia faltar aos que partiram o mínimo conforto. Da boa disposição dêles dependeria a boa reportagem.

Ao mesmo tempo, o nosso administrador, contando com um desenlace fatal, mandara fazer um seguro de vida ao Octávio, a favor da Empresa.

E já o consulado espanhol preparava a bandeira a meia haste, quando nos chegou às mãos a

Quarta carta e final

Muy amigos míos! Han llegado, señores! Han llegado! Por Dios! E vieram muito a tempo para salvar uma alma do purgatório...

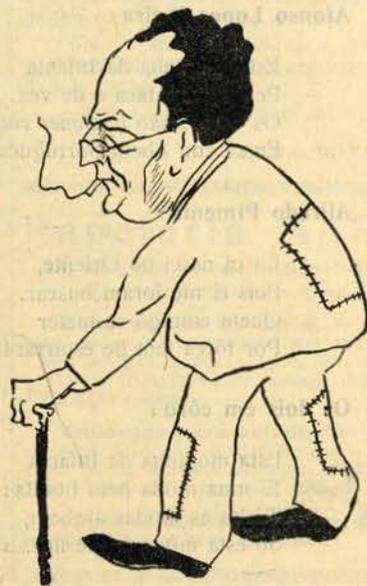
Espanha é linda! Vigo é lindíssimo! As Espanholas são lindíssimas!

A MARIA RITA já travou relações com tôdas as pessoas importantes da terra, incluindo o alcaide, e mais família. Agora até já se vêem pessoas conhecidas!

Se puderem mandem mais pesetas...

Depois verão as formidáveis reportagens que eu farei. Direi mesmo que vão ser passadas a *ferro*.

Adios, niños. — O. S.



Não foi verdade afinal
O que a gente achou bonito:
A conversa de Benito
Com Mr. Mac Donald.

Pois foi mentira, e das grossas,
O que a França fez constar.
Ninguém se quis apossar
Das colónias que são nossas.

E de quanto veio a lume,
Feito por bem ou por mal,
O que é que resta, afinal?!
— Uma troca de perfume...

E desculpem se fôr mau!
As águas que sem cerimónia
Julgaram ser de Colónia
São águas... de bacalhau!

Segundo o «Daily Herald» o «Club da Paz» preparou secretamente a guerra

Quem sabe o que êles querem: bem ou mal?
Quem sabe o que combinam: Paz ou pum?
S. D. N. são letras que afinal
No fim hão dizer: *Sem Dó Nenhum!*

A Europa e a América

Quem tem juízo? Europa, que aos arrancos,
Nem aos mais desgraçados causa inveja,
Ou América feliz que fecha os bancos
E reabre as barricas de cerveja?!

Portugal, Camões e a Infanta

Afonso Lopes Vieira:

Esta modinha da Infanta
Pegou de estaca e de vez...
Os outros são *qualquer coisa*,
Eu cá sou «bem português»!

Alfredo Pimenta:

Eu cá nasci no Oriente,
Pois lá me foram buscar.
Quem comigo se meter
Por força tem de espirrar!

Os dois em côro:

Esta modinha da Infanta
E' uma moda bem bonita:
Tôdas as modas acabam,
Só esta moda é que fica.



Em virtude da extensão da carta que dêste ilustríssimo escritor recebemos, ainda não podemos hoje, bem contra a nossa vontade, inseri-la, o que prometemos fazer no nosso próximo número. Que nos desculpe o conceituado homem de letras.

Um mestre no corte de Gaia

...por motivo da difamação de que a última ama sopeira, tiveram uma coiza pagilato o sr. Alvaro Matos e o barbeiro Adelino Moreira.

(Dos jornais.)

*Cortava na casaca dum parceiro,
Que eu sei apenas de apelido Matos;
Um mestre no assunto, que é barbeiro,
Que industrial se diz de carrapatos!...*

*Mas nisto, aparece o Alvarinho,
De quem mestre Adelino — (o sôr Moreira)
Diz ter ouvido aquele pecadinho...
Dêsse tal tipo e dessa tal sopeira.*

*— Não fui eu que lhe disse... grita fulo!...
O dito Alvarinho que é careca;
— Se diz mais que fui eu, até o engulo!...
— Pois foi você que o disse seu pateta!!...*

*E assim a discutir esta questão,
De cabelos em pé, prontos ao muro,
Um brada para o outro: — O'!... Intrujão...
Seu asno, seu camelo, e grande burro!...*

*— Insulta-me?!... Murmura num berreiro;
— Espere lá seu torpa pelos remates...
E dando duas sôlhas no barbeiro,
As bochechas lhe pôs como tomates!!...*

*.....
E o pobre barbeiro, coitadito,
De faces rechonchudas recheadas,
Inocente afinal do tal delito,
Ficou calmo e calado c'o as chapadas!!...*

Raios & CORISCOS.

Literatura Infantil

A melhor colecção de contos para crianças.

**LEITURAS MORAIS
ROMANCES** (Aventuras)

Pedidos à Livraria Editora de

A. Figueirinhas, Limitada
87, Rua das Oliveiras — PORTO



A Nova Sede do Foot-ball Club do Pôrto — As Belezas do Campeonato — O Portugal-Espanha — Vaticínios e locubrações foot-balísticas

Felizmente para nós, há nesta crónica, entre muita coisa má, alguma de que dizer bem. Referimo-nos, como nem podia deixar de ser, à inauguração da nova Sede do nosso primeiro agrupamento desportivo.

Quis a direcção actual, que a MARIA RITA fôsse distinguida com um convite especial, que além de dar acesso à sala dos discursos, dava também direito a uma taça de *champagne* e a um cálice do Pôrto de Honra. Não deixou o destino que o nosso director provasse de qualquer coisa destas, porque ele ao Sábado, é como os judeus: não come carne de porco. Ficou a substituí-lo por especial deferência carequística, o nosso representante junto dos Vinhos Borges, de Vila Nova de Gaia, do Grémio dos Exportadores, da Associação Comercial, do Rádio Clube do Pôrto, etc., etc., sr. Carlos Lelo, pessoa da nossa maior estima e muito alta consideração vinhateira. Por nós falou, êste notável tribuno e incansável presidente de quasi todas as assembleias gerais, e o que êle disse encarregaram-se de transcrever todos os jornais simpaticizantes com o Foot-Ball Clube do Pôrto, incluindo o Sporting e o Pirolito.

A-pesar-de tudo, e nos poucos momentos que lá nos conservamos podemos ver a beleza das instalações, grandes em qualquer parte, e completas mesmo no Pôrto, onde tudo é apoucado sistemática e maléficamente.

Sala de ginástica, sala de succa, de direcção, de trofeus, de banhos, de restaurante, e além disso tudo um salão magnífico de bilhares, onde o nosso Campeão foot-balístico, colocou outro Campeão de bolas — o Ferraz.

Estamos em dizer que a Sede do nosso grande Clube é maior do que o seu campo de jogos. E ainda havemos de ver o Pinga fazer *goals* com bolas a recuar e o Scisca a defender-se dos cantos com *massés* maravilhosas. E nos dias de grande fome, temos o Carneiro no prato que é uma consolação.

Parabéns à actual direcção, que tem levado fudo de Bento em pópa.

Os jogos do último Domingo

Se não fôsse estar tão perto o encontro Espanha-Portugal, teríamos feito uma jura de nunca mais ver *foot-ball*.

Aquilo de Domingo, meus senhores, não se admite nem em Alguaidares de Baixo. Se se não desse a salvadora

coincidência, de ser o Lima um campo em que os jogadores se teem de meter pelo chão abaixo, seria necessário obrigá-los à isso por causa da compostura necessária em qualquer encontro.

E a Senhora Associação, essa megera de unhas recurvas e avarentas, bem avisada andaria se tratasse de fazer com que o Colégio dos Arbitros não aprovasse os alunos a torto e a direito. Aquilo é uma vergonha para um ou outro discípulo que tenha estudado um bocadito.

Aquilo não se admite... Nem autoridade, nem sabedoria, nem compostura!...

Aquilo não era um árbitro: era um boneco que nem apitar sabia!...

O Salgueiros fêz perrice durante um quarto de hora. Depois, começou a chuchar com o árbitro... Mas quem pagou afinal, foi o público, o tal público irrespetador e irreverente que mostrou mais uma vez a sua capacidade de assistir a uma bambochata quasi sem protestar, quando razão tinha para insultar declarada e enérgicamente os dirigentes desta coisa a que entre nós se conveniou chamar desporto.

E não dizemos mais nada para que não digam que somos nós os únicos a protestar.

O desafio de amanhã

Não sabemos se à hora a que comece a circular a MARIA RITA, já estarão arrumadas as contas, quanto a esta grande prova. E' provável que ainda não, porque, em Portugal no desporto ainda há parlamento, e os *leaders* dos diversos agrupamentos passam a vida a puxar a brasa para a sua sardinha.

Oxalá que aquilo que nos tem chegado aos ouvidos sôbre a constituição do *team* que vai representar a nossa terra, seja tudo mentira! Do contrário, veremos mais uma vez subir ao mastro real a bandeira espanhola, quando nos queria parecer que alguma coisa de geito se poderia arranjar.

E é nesta convicção que a MARIA RITA, confiante, ainda sempre, na sua boa estrêla, grita aos rapazes portugueses!

**Viva Portugal!...
Viva o grupo que nos vai representar em Vigo!
Viva o foot-ball Português.**

Rapazes! A MARIA RITA vai convosco! As suas anafadas carnes hão de

atravessar a fronteira em *cinco minutos*, e lá estará em Balaidos, para vos fazer lembrar que a alma portuguesa vibra mais além fronteiras!

Contai com ela que ela conta convosco!...

As nossas notas

Nesta altura, tôda a nossa vontade seria que as nossas notas fôsem de pesetas. Na impossibilidade, porém, de o conseguir contentamo-nos com o que há.

Consta para aí que a razão dos nossos jogadores terem ido estacionar para La Guardia é simplicíssima. O Waldemar tinha jurado que não iria por *Valença* nem à mão de Deus padre.

O simpático *Cinco Minutos*, resolveu crismar-se. Também a razão desta vontade é boa de encontrar. E' que nos últimos dias, com a afluência de forasteiros, ficou sem um minuto de seu.

O filho já se trocou em segundos e nem assim deu vazão ao serviço.

Dizem para aí que no concurso do Pôrto Desportivo saiu uma viagem ao Rodrigues Teles. Será verdade?

Também consta que o Oliveira Valença contratou o Pires Fernandes para uma *matinée* no teatro de Vigo. E que o Chicó do Restaurante Madrileno montou lá uma filial da sua casa para satisfazer os concorrentes da MARIA RITA.

O Almeida Júnior, vai a Vigo, como representante exclusivo do grande diário Madrileno *Ahora*, especialmente encarregado de fazer a reportagem do sensacional encontro. And a um bocado atrapalhado com a língua, mas o Petiz e o Machado vão-no consolando dizendo-lhe que a meta para dentro!

Nós já estamos daqui a ouvir o grande público madrileno, entusiasmado, depois de ler o relato!

— Baía! Que és Júnior!...

Zé das BOTAS.

Papelaria MARIZ

53, Rua das Oliveiras, 55 — PORTO
(Junto ao Teatro Carlos Alberto)

Bons papéis de carta, 50 folhas e envelopes, caixa a 2\$20, 2\$30, 3\$00, 3\$50, marca Tango a 4\$20, outros a 5\$00, linho finissimo a 6\$50 e 8\$00. Papeis de fantasia, lindissimos, desde 6\$50 a caixa.

Cadernos para estudantes da Universidade, Liceus e Institutos, em quarto, óptimo papel, de 20, 40, 80 e 100 folhas a \$50, 1\$00, 2\$00 e 2\$50, com lindas capas em cores.

Façam as suas compras, sem demora, que protegem os seus interesses.

ECOS DE CACIA

SEMANÁRIO INDEPENDENTE, DEFENSOR DOS INTERESSES DA REGIÃO DO VOUGA

Redactor principal: ANIBAL CRUZ

REPRESENTANTE

Em Lisboa

Anibal Cruz

Representantes em Lisboa, F. da Foz, Aveiro, Torreira, Povoia, Fico, O. do Cato, Bousneso, Esquelra, Matadugos, Avauca, Estarreja, Coimbra e Angeja.

Fundador: J. J. NUNES DA SILVA

Depois do pão a Educação é a primeira necessidade do Homem. Danton

ASSINATURA

Ano, série de 50 números	20\$00
Semestre, série de 25 números	10\$00
Estrangeiro, ano 50 números	50\$00
Brazil e Colónias	30\$00

Proprietário-Director e Administrador
José Marques Damião

Filiado no SINDICATO DA IMPRENSA PORTUGUESA

Redactor e Editor

Antonio da Costa Pinto

O MAIS DESENVOLVIDO NOTICIÁRIO DE TODAS AS TERRAS DA REGIÃO

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFICINAS
Rua da Paz—**QUINTA DE LOUREIRO (CACIA)**

Não se aceitam originaes contra a vida particular de qualquer individuo

A onda do assalto

Na noite do dia 5 para 6 do corrente mês, quando se encontravam descansando das suas lides diurnas, mãos criminosas abriram uma das janelas da casa do sr. José Rodrigues d'Oliveira, ali em Cacia, e penetrando na casa, ali percorreram todas as dependencias da casa, na busca de todos os seus haveres, sendo levado pelos meliantes, ouro, prata, e dinheiro, tudo no valor de 300\$00 escudos.

O mais interessante foi: que uma vez os gatinhos: cent.º da casa do roubado, foram ao quarto onde o mesmo dormia, e de baixo da travessieira lhe tiraram o relógio e a corrente, e depois passando ao quarto onde dormia sua esposa com as crianças, d'ali tiraram um pequeno baú, e uma garrafa com alcool que estava na mesa de cabeceira, e d'ali passaram á casa de dispensa onde estava a caixa da salga, e pegando alguma coisa tiraram a caixa de marneleiro.

Iguamente no dia 25 do mês p.p., quando se encontrava descansando, foi assaltada a residência da sr.ª Joana Rodrigues da Fonseca, entrando-lhe os meliantes pelo telhado, roubando-lhe aproximadamente 40\$00 que esta tinha na gaveta, 8 k. de bacalhau, uma peça de toucinho e outras miudezas.

—Ao fim do Pinho, em pleno dia, roubaram-lhe todo o dinheiro que este possuia na sua gaveta.

—Ao marchante sr. Augusto Luiz Marques Pega preparavam-se para lhe fazer o assalto de noite, mas foram presntidos a tempo, pondo-se em fuga através dos aútes.

Mas que patifaria aqui se desenvolveu.

Manuel R. Cristino

Vindo das Oitavas da Rainha, onde trabalhava na Panificação está em Cacia a passar algumas semanas na companhia de todos os setta familiares, o nosso estimado amigo e assinante sr. Manuel Rodrigues Cristino.

A este nosso particular amigo, aqui lhe apresentamos as nossas boas vindas.

D. Maria A. Rocha Carvalho

Para assistir aos anniversarios que annua de cometa a sua esmerada pai, aqui se encontra a Tenda—Sofa—na praça da cidade a D. Maria A. Rocha Carvalho, esposa do nosso estimado amigo sr. Abilio de Carvalho, e a quem o Sr. M. A. Rocha apresenta as suas melhores saudações.

Examinem votos por uma feliz vida, em.

SLOCOS DE NEVE

EDIFÍCIO DOS NOVOS!

Não é um título editado por um architecto—é o título desta pequena crónica, que bem pouco vale e que eu quisera que fôsse assim.—No mundo das letras e da critica, não sou nada, não passo além de um soldado raso no primeiro dia de instrução e por conseguinte só asneiras e disparates posso cometer, ainda que, não nascemos nos dias dos nossos avós—dias felizes e de abundancia, em que a sua única preocupação era povoar—nascemos no periodo do sacrificio, no periodo do trabalho—mas, trabalho digo eu... —tenho ainda na van guarda a gigantesca cadeia de fortes elos de ferro a tolher-nos o passo—o desemprego crescente—porisso mais que nunca, temos que trabalhar para que a nossa obra—o futuro da sociedade—readquira o timbre di há milénios, um timbre legal, sem talha, próprio da época que vivemos!

Acabou ontem mais uma semana, a *Semana do Futuralismo*, realizando-se sob este tema diversas palestras e conferencias em varios centros sociais, ferindo sempre a mesma toca... e nada. O mundo não para e as ideias dos homens também não, avançam sempre, sempre na correria louca e vertiginosa, duma vitória moral e social dumi futuro próspero para a Nação! Mas... a crise titanica que o Orbe arresta, é como a psicologia das mulheres, sempre indecifrável aos olhos e ao cérebro dos mais perspicazes sábios, que sobre a Terra fazem calculos e profundam até ao mais distante sulco a sua causa.

Neste momento que vivemos, há na antiga Lusitânia centenas e centenas de bocas sem pão, clamando já a morte próxima, único antidoto áquêle mal cruciante:—a fome...

Atravessar uma rua de Cacia, em qualquer dia—quem diz de Cacia, diz de uma outra qualquer cidade ou mostrando as poucas carnes que lhe restam, cobertas de alejões e de miséria!

E' cair numa alcateia onde falte o cheiro á carne frescal! Uns, os invalidos, talvez, mentiguem por necessidade, outros, os politões, os *profissionais da boa vida*, mendigam por capricho, engrossando, mais assim, a cada passo as já bastas fileiras do exercito da fome, que se exercita no vasto campo da miséria!

As estatisticas de todo o mundo, se não esteu em erro, acusam 30 milhões—elevados ao dobro—de braços sem trabalho, sem nada fazer, sem nada produzir...

Deve ser pouco, muito pouco, porquanto não tenha estoiio suficiente, para discutir aquêla parcela, parece-me sem divida alguma, que está reduz da á sua expressão mais simples,

A futura obra dos homens, está bem a claro: lançar mão do canartelo e do baril e vincar na rocha viva a caracteres bem legiveis, o caminho a seguir, não façamos como o Bucage, unâmonos todos e salvemos-nos duma derrocada estrondosa, auxiliando os desgraçados que pedem Paol!

Isto é tchico e piramidal!

Padaria e Mercaria

TRESPASSA-SE uma bem montada e cosendo regularmente—padaria, e bem assina a sua mercaria nêxa, tudo em muito boas condições.

Para tratar com o seu proprietario Abilio Gonçalves na mesma.

R. Dr. José Falcão n.º 107 QVAR



QUEM CANTA SEUS MALES ESPANTA.

Gralhas

O nosso artigo "As justas aspirações de Espinho" saiu com algumas gralhas, que por vezes invertiam o sentido, pelo que pedimos muita desculpa aos nossos presados leitores.

Ao caro tipógrafo pedimos mais um pouquinho de cuidado, para que os leitores de má fé não aproveitem estas involuntarias faltas...

Henrique Nunes da Silva

Em visita a seu dedicado pai, Ex.º Sr. Conselheiro Dr. Manuel Nunes da Silva, esteve aqui apenas dois dias, o dignissimo inspector da Companhia Shell, na zona do Porto, sr. Henrique Nunes da Silva.

Para Nunes da Silva, vão os nossos mais efuzivos cumprimentos.

Manuel Lopes Novo

Está em Cacia, já há tempo, vindo da Ilhã, onde é industrial da Panificação, o nosso prezado amigo e assinante sr. Manuel Lopes Novo.

Para este nosso velho amigo, vão os nossos mais sinceros cumprimentos de boas vindas.

Manuel Duarte

Vindo da Figueira da Foz, a onde se encontrava empregado, acaba de chegar a Cacia um pouco incomodado de saúde, o nosso estimado amigo e assinante sr. Manuel Duarte.

Para este vai o desejo das suas rápidas melhoras.

Um achado

Nos fins da ultima semana, quando a sr.ª Maria Augusta Tavares entrava na sua propriedade cila all nos Barrocos, notou que debaixo de uma das parreiras estava um embrulho branco que desde logo lhe chamou a sua atenção, examinando-o, notou que se tratava de um caso misterioso, que, da todos os sintomas de haver crime, uma frãna com as iniciais A. D. P. P. toda ensanguentada, e bem assim uma travessa do cabelo, nova, de certo valor—pois que as pégadas eram relativamente poucas, notando-se apenas o rasto, motivo êsse, e pelos sintomas em que o achado se apresentou, não estamos muito longe de haver um repugnante crime.

Leva a crer... A ser assim, seria bom que se investigasse, invitando-se assim as muitas correntes que por aí propalam.

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA.

Ora aqui estão os "Ecos de Cacia", tal e qual se leem ao natural. A gravura ficou carinha, graças a Deus; melhor foi bem empregado. E agora que venha o Perola Verde e o Ferreirinha defender uma hanchochata destas! E lembrem-se, meus senhores, que esta é só a página, e que as outras ainda são piores!

DESSO ANO SE SEMANA ANA...

A MELHOR QUE EU SEI

Anedotas, Epigramas & Calemburgos

No número 48 da MARIA RITA, foi premiada a anedota n.º 189

N.º 202

Vindo uns noivos da igreja em seguida ao casamento, disse o noivo à noiva:

— Nós agora vamos almoçar primeiro, ou vamos fazer outra coisa?

Resposta dela:

— Como tu quiseres, e depois almoçaremos.

Remetente: Guerra Anjos.

N.º 203

Um americano, de passagem pelo Porto, seguia de automóvel pela rua de Costa Cabral, com um portuense que lhe ia explicando todas as coisas de maior, e em certa altura diz-lhe:

— Veja meu bom amigo; não temos cá arranha-céus, mas em compensação temos lindas casas com jardins, veja esta.

O americano olhou e respondeu imediatamente:

— Iguais àquela, temos centenas em Nova-Yorca... — e mostrava um pouco de desdém ao pronunciar a frase.

— Bem me parecia... — retruca o portuense, imperturbável. E' o hospital dos doidos.

Remetente: Horácio Ferreira.

N.º 204

A autoridade:

— Onde mora o senhor?

O vagabundo:

— Em parte alguma.

A autoridade dirigindo-se a outro vadio:

— E você?

— Sou vizinho daquele senhor.

Remetente: Cingo.

N.º 205

Há no distrito da Guarda três povoações chamadas: uma Porco, outra Porcas, e a outra Curral.

Pois um rapaz de Porco, casou com uma rapariga de Porcas, e os noivos foram viver para o Curral, para casa de uma tia que por sinal era marreca (má-réca).

Remetente: Zé Barão.

N.º 206

EPIGRAMA

Um janota presumido
Mostrou seus versos a alguém,
O qual, depois de os ter lido,
Não lhe disse mal nem bem.

— Que tal achou esta ode?
Diz o vate em vozes prontas,
E a retorcer o bigode,
Que tinha cera nas pontas.

— Vejo que a musa famosa
Lhe concedeu os seus dons:
São versos feitos em prosa,
E, como tais, muito bons.

Remetente: Roosevelt.

N.º 207

Num exame de Física:

O professor — Que espécie de massas conhece?
O aluno — Cotovêlos, estrelinhas, macaronete...

Remetente: Lérias.

N.º 208

A primeira experiência de Artilharia no Brasil foi comandada por um oficial que nunca tinha ouvido o troar do canhão. Depois de tudo a postos para a experiência, rebenta estrondosamente o primeiro tiro. O comandante, ao ouvir aquele formidável estampido, cambaleia, empalidece e fica extático encostado a uma árvore.

Um oficial subalterno, vendo o comandante lívido como um cadáver, dirigiu-se-lhe e perguntou:

— Está ferido meu comandante?

Muito apressadamente o comandante enfiou a mão no cós das calças, apanhou qualquer coisa, cheirou e respondeu:

— Se isto é sangue, então estou ferido.

Remetente: Ateu.

N.º 209

Certo lapónio, chega a uma casa de ferragens, e pergunta se tem açamos para cães.

— Tenho, sim. Mas para uma cabeça tão grande como a sua, só sendo feito de encomenda.

Remetente: Francisco J. Rodrigues.

N.º 210

— E porque me despreza?

— Porque não posso ser para si mais do que uma irmã.

— Não! Isso não! E' preferível nada!

— Mas tem de ser, Roberto. Desde ontem que me prometi a sua irmã.

Remetente: Zéquinha.

N.º 211

Em Setubal os vendilhões ambulantes que diariamente vêm à cidade vender hortaliças e e outros produtos, costumam para reclamar a especialidade dos mesmos, e fazerem saber aos seus clientes que eles são criados fora da cidade, juntar ao pregão que fazem pelas ruas, as palavras *de fora* apregoando portanto assim: Quem merca hortaliças de fora, etc.

Ora um belo dia a D. Eugénia, solteirona de toda a respeitabilidade, foi de visita à D. Ana, viúva *após parto*, senhora com quem mantinha as melhores relações de amizade, e entre elas travou-se o seguinte dialogo:

— Então D. Eugénia, diga-me como tem passado?

— Mal, D. Ana, mesmo muito mal do meu estômago; tenho aftas na língua, mas o que me custa é que os beiços gretaram, — e mostrava toda pesarosa uma greta profunda num dos lábios.

Nisto assoma à porta da sala onde se desenrolava esta conversa, uma rubicunda criada, que com as mãos na barriga exclama:

— Oh minha Senhora está ali um home que vem de fora c'os tomates. A Senhora quer que compre?...

A D. Ana, muito encavacada, olha para a D. Eugénia, que se ria a bandeiras despregadas, e que com um lenço nos lábios exclamava...

— Ai!... D. Ana que se me abre a racha... Que se me abre a racha.

Remetente: Velha Guarda.

N.º 212

Um dos defeitos do imaginoso Tomaz da Costa era o seu feio exagerado. A mulher passava tormentos com êle e dizia-lhe muita vez: Homem, tu pareces espanhol!

Certo dia o casal teve de ir a Lisboa a casa duma família das suas relações.

Foram lá jantar, mas antes de partirem, ela de novo recomendou:

— Tomaz, vê como te portas com os teus exageros. Logo que eu perceba que vais começar, piso-te um pé.

Chegou-se a hora do jantar. A certa altura um dos convivas disse:

— Na sua terra, Sr. Tomaz, dizem-me que há agora um esplêndido hotel.

— Na verdade, é de primeira ordem. Não há melhor em Lisboa. A sala de jantar, por exemplo, tem cem metros de comprido...

Neste momento sentiu a pisadela conjugal... e concluiu:

— ...e, para aí, um metro de largo.

Remetente: Bouboule.

N.º 213

Num tribunal:

— Onde vive você?

— Com meu irmão.

— E seu irmão?

— Comigo.

— Mas, com os diabos, onde vivem vocês ambos? torna o juiz, falto de paciência.

— Vivemos juntos.

Remetente: Zé Maria.

N.º 214

Encontrava-se um provinciano a fazer o serviço militar aqui no Porto, e toda a sua ambição era subir ao alto da torre dos Clérigos.

Pediu 5 dias de licença para ir à terra, e, quando regressou, como tinha ainda 2 horas para se apresentar no quartel, resolveu satisfazer o seu desejo.

Subia as escadas da torre já muito cansado, quando encontrou uma senhora grávida que estava a descansar.

Senhora, falta muito? — pergunta o provinciano.

A senhora julgando que lhe perguntava quando seria o dia da sua delivrance, respondeu-lhe:

— Uns três meses...

— Ah! respondeu-lhe o provinciano: — então vou para o quartel, porque daqui a 2 horas termina a minha licença.

Remetente: A. B. C.

Restaurante Portuense

(ANTIGO PINTO)

DE MESSIAS DE ALMEIDA

Rua de Entreparedes, 11 — PORTO

Almoços com vinho 9\$00

Jantares com vinho 10\$00

Diárias com quarto desde 18\$00



FOLHAS DE ALFACE

CARTAS DA CAPITAL

Minha querida MARIA RITA:

Hoje, vai crónica desportiva... (Depois te digo porquê).

Tenho de confessar-te que há, entre o desporto e eu, um velhíssimo divórcio; — destes divórcios estruturais, que, para existirem, não chegaram a precisar de um casamento...

Não sei se és uma devota da caça, — venerável decano de todos os impulsos desportivos. Cá por mim, não compreendo o prazer de andar por montes e vales com um trombólio às costas, um cinto belicoso à volta do jaquetão, dois ou três cães a enrodilharem-se-nos sob os pés, e um amigo que nos olha de esguelha porque nos atribua a ausência de bicho a que dedique detonação e chumbo, — com uma ferocidade de examinador. Estou mesmo convencido de que os grandes caçadores são homens casados, casados com sogra e tudo; e de que a explicação fisiológica da caça está toda em factores eminentemente domésticos; a necessidade de agarrar num instrumento mortífero; a necessidade de desandar para longe de casa; a necessidade de arranjar uma forma de praguejar, — que se oiça ao longe; — tudo isso me cheira a doméstico... É mais. A própria pontaria me parece uma sublimação de outros ímpetos. Sim. A sangue frio, nenhum homem parte loiça que tenha comprado. A sangue frio, nenhum homem mata o bicho que não lhe fez mal. Simplesmente, há ocasiões em que um homem normal tem por força que partir pelo menos uma terrina, — na impossibilidade de partir a cabeça da sua cara metade. É da mesma forma, e pelas mesmas reacções de química psicológica, matará uma lebre o homem que desejaria libertar o mundo, e a própria vida, do peso incomportável de uma sogra. Se esta explicação, a tu ver, peca pela existência de caçadores solteiros, — respondo-te: — sempre houve precursores.

Se peca pela existência de casados que não caçam, respondo-te: — sempre houve mártires.

Não serei tão longo no esmiuçar dos outros desportos. Nem sequer isso merecem.

O futebol, essa arte eminentemente pedestre, consiste em meter num rectângulo de terreno 22 rapazes honestos e um desgraçado com um apito, (pastor dêsse rebanho, que é sempre afinal um bode expiatório); atira-se para o campo uma grande bola que não tem culpa; instala-se à roda do campo uma multidão ignara que, ainda em cima, paga bilhete à entrada; — e pronto. É, em ponto menor, o que se passa em Genebra, — onde uns tantos cavalheiros que nunca são rapazes, e raramente são honestos, também tratam de dar quanto coice podem — na bola de um mundo que não tem culpa.

Tens, a seguir, por ordem arbitrário-alfabética, a natação. Essa é, como desporto, mais nobre; — porque é mais útil, embora de uma utilidade circunscrita. Se vais dar um passeio de «chata» — passeio a, que os franceses chamam chatiche — está claro que tens oitenta probabilidades sobre cem de começar a seco e acabar de molho; é pois útil que saibas alcançar a nado a praia mais próxima. No alto mar, não está provado que um bom nadador se agüente mais tempo a flutuar do que um comerciante que tenha um cinto de salvação. E também não há negar uma coisa: é que se, por costume, mania, imitação, ou acaso, o homem anda pela terra sobre dois pés — é um pouco vexatório que, na água, tenha de andar também com as mãos. Louve-se a natação, pelas vidas que salva; — mas não se lhe perdoe completamente que converta o bipede num quadrúpede.

la-me esquecendo do golf; êsse, bate todos os records da estupidez; põe-se uma bolinha branca ao pé de uma cova; pega-se na ponta de uma bengala, e, com o castão, arruma-se uma valente taponna na referida bolinha: depois, vai-se à procura dela; — ganha quem não conseguir encontrá-la, o que é fácil. Antigamente, a bolinha era de cortiça, aproveitando-se em geral os gordos obturadores das garrafas de champanhe; daí derivou esta expressão, tão nossa: «andar à procura

da rôlha». O maldito progresso procurou na borracha comprimida e nas pastas de celulósio os substitutos da casca de sobreiro. A nossa crise de exportação, nesse ramo, provém dêsse mal; — todo o mundo (o golf é universal...) anda à procura da rôlha; mas de uma rôlha que deixou de ser de cortiça...

Poderia ainda falar-te do tennis: — é um jogo maricas. Como, com os progressos da agricultura, vão desaparecendo as pobres borboletas, consideradas nocivas, substituem-se estas por uma esfera branca e leve; das rédes com que Maria Antonieta caçava lepidópteros, derivou a raquette, — em que outros vêem uma guitarra assassinada, com as tripas ao Sol; e pronto; tu de um lado e eu do outro, pomo-nos a ver qual caça melhor a borboleta...

Filho do tennis, mas muito mais violento, é o ping-pong; êsse joga-se com bolinhas de celulósio, e faz emmagrecer imenso; — porque as bolinhas, muito pequenas, muito envergonhadas, refugiavam-se debaixo de mesas, de aparadores; inventam esconderijos, sempre no chão ou debaixo dele; forçam os desportistas a varrer tapetes com a testa; ganha o jogo quem conseguir estar mais tempo de posterior para o ar.

Não sei se há mais desportos. Creio que há os hipismos; um, de salto, que consiste em dar banquetes a desconhecidos e ver quem grita mais hips; outro, de ar livre, que consiste em revelar a uma selecta assistência quantos obstáculos um homem sabe transpor — quando tem quatro patas por baixo.

Dos desportos atléticos, à parte o arremesso do dardo, a que não ousa fazer comentários, e a luta, — em que é campeão o sr. Brito Camacho — e as corridas pedestres — em que os lisboetas estão destreinadíssimos desde que deixou de haver revoluções, o único que me tenta deveras é o lançamento do disco; — tenta-me ferozmente quando, todas as tardes, ou melhor, a todas as horas, a vizinha do andar, de cima me seringa com o gramofone.

Isto para não falar nos desportos de inverno, mera metadização do que a todos nos acontece quando, em tarde de chuva miúddinha, e com solas de borracha, nos apressamos por uma encosta asfaltada; — a humanidade deve ser grata a êste venerável desporto; é graças a êle que, na extremidade da nossa coluna vertebral, desistiu de aparecer certa excrescência tão expressiva nos cães, tão útil aos macacos.

Já tu vês, MARIA RITA, que quem assim sente pelo desporto em geral e por cada desporto em especial um alheamento hostil, uma incompreensão aguerrida, um ódio risonho, — é insuportável ao dizer-te que foi um formidável espectáculo de beleza, de comoção, de entusiasmo, e de elegância, a corrida de motocicletas que se realizou, Domingo passado, no Estoril.

Fui para lá contrariado e aborrecido.

Voltei rouco de gritar, e com nódoas negras nos 10 dedos, — de aplaudir.

As 36 voltas, a luta ranhíddissima entre o espanhol Aranda e o português Black, a palpitação humana, que se comunicara a cada moto, o sentido leve e guerreiro que assumiam, pelo milagre da velocidade, os côcos de coiro e óculos de miça dos motociclistas, (que em repouso parecem escafandros fora de água) tudo aquilo me empolgou e seduziu. Voltei para casa cansado, feliz; e, na casa de entrada, — olhei mesmo com certa veneração inesperada o manso triciclo da minha filha...

Dispõe do

Tomaz Ribeiro COLAÇO.



Décimas... dentro do praso

Paz! (zàs, tràs...)

Hitler, o grande... caudilho,
Cultivador da cizania,
Prepara lá na Germania
Um formidável sarilho!
Já está pronto o rastilho
Que há de dar principio à brecha;
E enchendo a larga bochecha,
Um cavalheiro... simpático,
Lá p'rá banda do Adriático,
A' sucupa, assopra a mecha.

O Japão, grande proflíco,
Alarga a teia de... aranha
E não devolve à Alemanha
As tais ilhas do Pacífico.
Ora, êste termo magnífico
Encerra um saber profundo:
Mas o Hitler, furibundo,
Não quer' ouvir bons conselhos,
E provoca, co'os... trambelhos,
Zàs, tràs... paz em todo o mundo!

BISNAU.

Os impossíveis dêste mundo

Isto não é bem uma secção. É um lugarzinho da MARIA RITA, onde arquivaremos todos os impossíveis que V. Ex.^{as} conheçam e nos queiram remeter. Não tem prémios; mas é uma curiosidade que pode vir transformar-se numa interessante colecção.

Damos abaixo os primeiros que nos foram remetidos.

- Fazer andar um combóio com uma máquina fotográfica.
- Cozer a sôpa a ponto aberto.
- Segurar um navio com um cabo de alta tenção.
- Pregar um botão com uma linha eléctrica.
- Com um disco de Caminho de Ferro, fazer tocar um gramofone.
- Dar injeções com a agulha de marear.
- Apanhar peixes com uma rede telefónica.
- Aparecer um semanário que substitua a MARIA RITA...
- Continuar com o concurso dum bom jantar, porque alguns meninos só compram a MARIA RITA depois de saberem o número da sorte grande, e assim não está certo.

Rutra Luar.

“Maria Rita” não fuma?!...

Resposta atrasada ao Ex.^{mo} colega Alfredo Cunha (Raza) de a devida vénia.

O' senhor Cunha da Raza,
Se isto assim continuar,
A tua you habitar,
E ponho escritos em casa.

O senhor a versejar,
Em verso duro, qu'arrasa,
Diz mal do cigarro em brasa,
Que até faz arripar.

Porém, com toda a presteza,
Vou mostrar-lhe com certeza
O seu erro, e sou capaz

De lhe provar que... em suma,
«Maria Rita» não fuma,
Mas... cheirava aqui atrás.

Rei LOURO.



QUADRO DE HONRA

K. H. I. (pro Ecos)
OINOTNA
LEMOS D'ALBERGARIA
KUBELIK

Decifrações do n.º 48 — 1) cigarro, 2) Jaquina, 3) pinto, 4) lambom, 5) largato, 6) incãosavel, 7) cãopadre, 8) biscondessa, 9) Vacora, 10) vacalhau, 11) profeito, 12) jerico, 13) chimpanzé, 14) Marco de Canavezes.

Decifradores — K. H. I. (pro Ecos), 14; Oinotna, 14; Kubelik, 14; Lemos d'Albergaria, 14; Sepol, 13; Lérias, 13; M. Calarrão, 13; Busina, 12; Pedro de Bourbon, 12; Ab-Ber, 11; Olegna, 11; Reirobi, 10; Horaciano, 10; Ricardo Alves Franco, 10; Só Darco, 10; Rei do Ouro, 9; Rutra Luar, 7; Rei Louro, 6; Zé Barão, 1.

A produção menos decifrada foi o n.º 6 e a mais votada a n.º 7.



Enigmas em verso

(1)
 Qual é a coisa, qual é,
 Só quatro letras terá,
 Que a primeira é letra C,
 E a final é um A.

E' nos adultos castanha;
 Amarela nas crianças
 Há, contudo, quem a tenha;
 Nas mais diversas nuanças.

E' rala numas pessoas,
 Mas doutras espessa cai...
 E é redondo como as bróas
 O sítio d'onde ela sai.

Para acabar meus senhores,
 E matá-la nuns momentos,
 Dizem ilustres doutores
 Que faz parte dos acentos.

Migue-Linho.

(2)
 Decifrador, de repente
 Espero que me dirás:
 Que leva a mulher à frente,
 E o homem... leva atrás?

Rei das Musas.



Pergunta sofismática

(3)
 Que diferença há, entre uma serpente e um casaco de peles?

Pirillau.

Charadas em verso

(4)
 Encantou-me o teu sorriso,
 Algemou-me o teu olhar,
 Antevi o Paraíso
 E passo a vida a sonhar.

E' um sonho cor de rosa,
 Um sonho *mulher* querida, — 2
 Duma vida venturosa,
 Mui perfumada e florida.

E quando a *morte* chegar — 1
 Em teus braços enlaçado,
 Morrerei a suspirar
 Feliz por te haver amado!

E se tu corresponderes
 A este afecto profundo,
 Tu farás de mim o homem,
 Mais ditoso que há no mundo!

Rei das Musas.

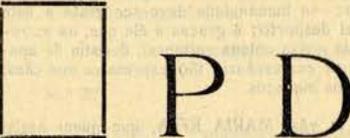
(5)
 Por si próprio transtornado, — 2
 A causa do meu amor, — 2
 Foi desejar com agrado
 O seu *carro*, êsse primor.

Lérias.



Enigma figurado

(6)



A. Portugal de Brito.



Novíssimas

(7)
 Ontem, quando cheguei da casa do *Carneiro*, apaguei a *luz* e meti-me na *cama* — 1-1.

Oinotna.

(8)
 Sr. *José aqui* em *Cacia*, está o *Damão* empunhando a *farrelha de curva* de limpar o forno, que *quere* cumprimentar o *Director desta secção* — 1-1-2.

Rei Robi.

(9)
 Na *garra* do leão fica *um* homem *sossegado* — 1-1.

Sepol.

(10)
 O *homem* mesmo no *baluarte*, não deixa de ser *homem* — 1,3.

Busina.

(11)
 Aquele *animal*, que de tanto correr até *fêz poeira*, andava no meu *terreno* — 1-1.

Sepol.

(12)
Caluda! *Agride* aquele *condutor* — 1-2.

Ran, Alex.

(13)
Ande devagar, senão eu *vomito*, pois dei agora *solavanco* — 1-2.

Sepol.

(14)
 Você é *perito* e por isso *trepá* na vida. Ouça lá, porque não *trepá* mais?

Lérias.

(15)
Acolá no jardim do *infante*, está um grande *animal* — 2-2.

Busina.



Sincopadas

(16)
 Ofereço-lhe o *fruto* *aconteça* o que acontecer — 3-2.

Lérias.



Maçadas literárias

(17)
 Formar o nome dum *grande sem-nário* com as letras da seguinte frase:

SACA DE COICE

Rei Louro.

(18)
 Formar o pseudónimo dum *grande escritor* com as letras da seguinte frase:

PODE LÁ REVER

Rei Louro.



Enigmas tipográficos

(19)
MULHER
CU

Serigaita.

(20)

Ñ

Ñ

Rei das Musas.

ATENÇÃO! — A todos os colaboradores desta secção, pedimos para nos enviarem cada produção num só papel, escritas só dum lado e com a respectiva decifração.

Não esquecendo o nome ou pseudónimo do autor.

Quem é?

E' uma jornalista de talento,
Que na imprensa faz furor,
A que hoje vos apresentou
Tem p'ra mim grande valor.

E' tão lindo o seu olhar,
Que às vezes penso sòzinho,
Chegando mesmo a acreditar
Que teve *Cristo* por padrinho.

Carolina, é a sua graça,
E o *Homem* que adivinhar
Será decifrador de raça
E disso se pode gabar.

José R. VIANA.

Anexim

Vi um homem a fugir
Dum cachorro que, a ladrar,
Não deixava de o seguir,
Correndo sem se cansar.

Eu, ao tipo, disse então:
— Oh, homem, você recorde
O que diz este rifão:

.....?

LÉRIAS.

Decifrações do número anterior — *Quem é?*
Tomaz Ribeiro Colaço; *Anexim* «Pela boca perde o peixe».

Matadores: Francisco José Rodrigues, Tomaz Diniz, Visconde da Boa Vida, Manuel Alves Duarte, Constantino Sousa Gomes, Jaime Vieira Dias, Mário Soares, Monteiro II, Joaquim Monteiro, Fantasma Negro, Tom Mix, Só Darco, Reirobi, Lemos de Albergaria, Au-Rio.

As soluções desta secção tem de ser entregues na nossa redacção até às dezóito horas da terça-feira seguinte.

Posta restante

M. Calarrão — Obrigado pelas suas boas palavras. Tudo consola. Ficamos aguardando colaboração para a secção charadística que sai semanalmente. De toda a parte nos dizem que foi bem achada a ideia das *cacianas*.

Fernando Heitor Silva — Diga o livro que prefere e será remetido imediatamente, para a direcção que indica. Estavamos esperando que não-lo indicasse.

Alvarcarso — Vamos áquilo agora? Dê para cá um alvitre e talvez seja o preferido. Como vê não esqueçamos, nem desprezamos nada.

Colega *MARIA RITA*:

Na Alemanha foi autorizado o castigo corporal nas escolas, dizem os jornais.

Hitler pretende, com esta medida, que as crianças se vão habituando ao arrôcho...

Um grande homem êste Hitler!

O Dr. Wrankly, da Universidade de Viena, diz que muitos homens perdem o juízo devido a não usarem chapéu.

Que pena se a moda de usar chapéu volta... Havia por aí tam lindas cabeleiras em exposição permanente!

Douglas Filho e Joan Crawford divorciaram-se. Os cinéfilos entristeceram com a notícia.

— As causas? — Joan Crawford acusa o marido de praticar nudismo em casa e de usar sempre o mesmo chapéu verde, velho e sebento. Pelos vistos, Douglas é económico.

Joan, contudo, queria um marido menos poupado, mas mais limpo... In illo tempore, as mulheres desejavam homens económicos, amigos de lar, etc... Hoje já pedem o divórcio porque os maridos são económicos...

Como os tempos mudaram!

Volta e meia a energia eléctrica falta. Volta e meia os carros param.

E chamam a isto o século da luz e do movimento!

Susy é uma rapariga interessante, moderna, vive só, não fuma e tem cinzeiros em casa como a Maria da Graça de Augusto Gil.

Tem vinte anos, vinte anos cheios de pequeninos nadas que podiam muito bem ser grandes coisas.

Ora a Susy, a Susy de olhos verdes, a Susy de alma vermelha, tem uma casinha moderna em certa rua antiga.

Susy é minha amiga de infância (aqui para nós que ninguém nos ouve: — conheço-a há, apenas, um ano!) e como amiga de infância conta-me, sempre que me encontra, a sua vida, as suas aventuras, os seus amores.

Há dias, Susy, saíu-se com esta:

Trazia, lá em casa, um velho em-

pregado a pintar-me as paredes, os tetos e, enfim, a retocar-me a casa.

A certa altura, como tivesse de sair, chamei o pintor para lhe dar as indicações necessárias a respeito do trabalho que devia executar durante a minha ausência.

— Venha ao meu quarto que quero mostrar-lhe uma coisa...

Vi o velho ficar comprometido, atrapalhado, mas confesso que nunca esperei que êle me respondesse:

— Desculpe, senhora... mas, com a minha idade... Sim... a senhora compreende... mas... Eu preferia um copo de vinho!

Mamã Pola Negri, como lhe chama uma célebre revista francesa, recusou-se a desnudar os seios perante a objectiva. Não se sabe bem o porquê desta negativa, mas Pola lá devia ter as suas razões.

E' que, com aquela idade, é provável que os seios já não sejam uma maravilha de estética!

Em compensação a actriz Chantal prestou-se a posar, para a objectiva, os seios desnudos.

Os directores do filme negam-se a pagar a Pola os seus honorários e Pola instaurou-lhes um processo.

Afinal, para quê tanto barulho?

E' que essa cena seria a cena culminante do filme... Contudo a censura da puritana Albion cortou essa cena alegando pornografia...

Se os seios de Chantal que é nova foram proibidos de se exhibir na Inglaterra, o que sucederia aos seios de mamã Pola? — Afinal, Pola Negri, tem razão! Não mostrando os seios poupou-se ao ridículo de lhos cortarem... em filme!...

Abraça-te o

MII REIS.

ANUNCIOS

da MARIA RITA

Prevenção — Maria do Encantamento, viúva, vem por êste meio comunicar ao comércio em particular e ao público em geral, que não se responsabiliza por qualquer dívida que o seu marido venha a contribuir.

Para
Pintar as
paredes

MURALINE

RUA DO ALMADA, 30-1º - TEL 2571

uma tinta que se

prepara em 10 minutos
seca em 10 horas
dura 10 anos

Aquilo que nós sabemos

Grande Concurso Poético da MARIA RITA

Para a quadra que estava feita na nossa redacção e que era do teor seguinte:

— Logo um beijo?!... Isso é demais
Vê: que côrada me pôs?...
— Pode ainda côrar mais
Não se vê c'o pó d'arroz.

recebemos as seguintes quadras:

Esse sinal moreninho
Que Deus na face te pôs,
Está muito escondidinho,
Não se vê c'o pó d'arroz.

(Aceiro).

Olegna.

Sempre vinte anos! Quem há de
Dizer que o tempo é veloz?
— E' que a certidão d'idade
Não se vê c'o pó d'arroz.

Marise.

Se foi boa a garrafeira,
Que tão alegre te pôs,
A côrzinha traiceira
Não se vê c'o pó d'arroz.

Maria Olga.

O buçoito malandro
Que a Natureza me pôs
Só me faz linda... quando
Não se vê c'o pó d'arroz.

Severa.

Minha amada, no seu rosto
Um lindo sinal lhe pôs;
Mas para lhe encobrir o gosto,
Não se vê c'o pó d'arroz.

Xpto.

Se a mulher está pintada,
Não é como se supôs!
Se ela é feita ou beldade
Não se vê c'o pó d'arroz.

Vouga.

Mas que tamanho desgosto
E que sofrimento atroz,
A linda côr do teu rosto,
Não se vê c'o pó d'arroz.

Osej.

Uma môça nova ainda
Foi tanta a droga que pôs
Que o traço da cara linda
Não se vê c'o pó d'arroz.

Augusto.

Tanta marca tens aí
No rosto, que Deus te pôs.
Cobertas com pó Naly,
Não se vê c'o pó d'arroz.

Pirilau.

A varíola fez-te feia
e em tal estado te pôs
Se aproveitares esta ideia,
Não se vê c'o pó d'arroz.

Sesenem Míopla.

Só quer beijos!... E' demais...
Vê você como me pôs
— Côre, côre, côre mais
Não se vê c'o pó d'arroz.

Zé de Gatinhas.

Um beijo todo chupado
Que grande marca te pôs
Mas stá tão bem disfarçado
Não se vê c'o pó d'arroz.

Lizé.

Que és uma santa afamada,
Diz o povo a meia voz.
— E' que essa lata estanhada
Não se vê c'o pó d'arroz.

Jordão.

Zulmira tôda arranhada...
A Eva como te pôs!
Enfim... já estás sarada,
Não se vê c'o pó d'arroz.

Eu vi.

Se Jota.

O tempo que passa engelha!
Já teu rosto docompôs,
Mas o sinal de que és velha
Não se vê c'o pó d'arroz.

(Queiuz).

Carlos Elmano.

Tanto o seu rosto compôs,
De tanta droga o encheu...
Que o nariz desappareceu
Não se vê c'o pó d'arroz!...

Orquídea.

Os olhos pintá com rôlha,
Nos lábios o batom pôs.
A cara parece um troilha,
Não se vê c'o pó d'arroz.

Octávia Maria.

Quando êste golpe me fez
O barbeiro, o meu algoz,
Disse: — Sossegue frangos
Não se vê c'o pó d'arroz.

(Aceiro).

Quim Mosquita.

Cá a mim ninguém me intruja
Disse a Micas no Queiroz
Se eu tiver a cara suja
Não se vê c'o pó d'arroz.

Paga já.

Tenho o nariz esfolado
Disse a Mercedes, da Foz
Responde-lhe a irmã do lado
Não se vê c'o pó d'arroz.

Odnanref.

E' tão vaidosa, a mulher
como linda ninguém supôs
que o rosto quando ela quer
não se vê c'o pó d'arroz.

Ahcor.

Dei-lhe um beijo de chupão.
Oh! que vermelha se pôs!
Ela com satisfação:
Não se vê c'o pó d'arroz.

O luar.

O Senhor quis-te marcar,
Na cara um sinal te pôs;
Mas o sinal, se çlhar,
Não se vê c'o pó d'arroz.

Lérias.

— Permittis que um beijo ardente
Terno lábio ponha em vés?
— Força, menino, que o dentel
Não se vê c'o pó d'arroz!

Mefistófeles.

O teu rosto delicado
Causa-me impressão atroz
Dessa maneira caído:
Não se vê c'o pó d'arroz!

Leba Aolis.

A' actriz «Rosa Enjeitada»,
Disse o velho actor Queiroz:
Essa cicatriz pintada
Não se vê c'o pó d'arroz.

L. Já... sinto.

O' mulher! pareces velha,
Causas-me um horror atroz!
A tua cara vermelha,
Não se vê c'o pó d'arroz.

Se Jota.

A cútis, da minha amada
Que vive ali para a Foz.
Ánda de branco caiada!
Não se vê c'o pó d'arroz!

L. Já... sinto.

Impôs-se de tal forma,
O Simão em Badajoz,
Que o seu cabelo desformou,
Não se vê c'o pó d'arroz.

Para encobrir as mazelas,
Que a idade já transpôs,
O rosto de tais bonzelas
Não se vê c'o pó d'arroz.

Octávia Maria.

— Vêja — seu mau — que sinal,
Ao beijar-me aqui me pôs!
— Não se enfude, que final,
Não se vê c'o pó d'arroz.

Z. B.

Aquele sinal brejeirinho,
Que a Natureza te pôs,
Na cara, tão bonitinho,
Não se vê c'o pó d'arroz!

Z. B.

A Micas leva estafada,
Do amante, o seu algoz,
Quando sai não se vê nada;
Não se vê c'o pó d'arroz.

(Gonzalo).

Zé Barão.

Estás c'uma grande bebedeira
Quem seria que assim te pôs!
Descansa, que a tua asneira
Não se vê c'o pó d'arroz.

Tomaz Diniz.

Teu marido não notara
Porque ainda não supôs
Que o lixo que tens na cara
Não se vê c'o pó d'arroz.

Joaquim Monteiro.

E' coisa que, a custo, nota,
Mesmo o psicólogo atroz,
Que MARIA RITA é velhota...
— Não se vê c'o pó d'arroz.

M. C. Pereira.

E agora toca a glosar esta:

.....
.....
.....
.....
E fique... a ver navios.

Foram premiadas as quadras: de Zé de Gatinhas com 30\$00 por ser a mais aproximada, e a de Maria Olga com 20\$00 por ser considerada a de melhor humor.

Procurem na grande

Livraria Editora de

tôdas as obras de

MARDEN

o grande filósofo criador da paz de espirito e educador de vontades.

PEÇAS E

de teatro
1928



A MENINA GRAÇA

3 actos sem graça nenhuma, puxados ao sentimento por um pai que perdeu a sua filha numa sexta-feira

PRIMEIRO ACTO

A cena, como de costume, não representa nada porque, se representasse, não eram precisos actores nem actrizes. Quem vai representar são os personagens que estão no local atrás descrito.

O PAI (entrando em casa e se a cena se passar à hora do almoço) — Bom dia, minha filha.

(Idem, idem, se preferirem a hora do jantar) — Boa noite, minha filha.

A FILHA (correspondendo e beijando o seu quicá verdadeiro progenitor, viuvo e orfão de mais afectos) — Bom dia, meu pai.

(Aspas, aspas, como atrás) — Boa noite, meu pai. (Após uns momentos de silêncio em que vai dando os últimos retoques na mesa do almoço ou do jantar) Sabe? No andar de cima já está um novo inquilino.

O PAI — Quem é? (faz esta pergunta que não é precisa para nada, apenas para estabelecer o diálogo e a menina não falar sôzinha.)

A FILHA — E' um major de cavalaria. Vive só. Subiu há bocado de botas de montar.

O PAI (à parte, como no teatro antigo) — Se vive só, porque usa botas de mon-

tar? (Faz esta pergunta vaga e indecisa, completamente distraído e começa a comer. Cai o pano).

SEGUNDO ACTO

(A mesma cena do acto anterior, mas com a porta aberta e o vizinho do 2.º andar no umbral da dita.)

O VIZINHO DO 2.º — Muito obrigado pela sua gentileza. Como eu vivo só...

A FILHA DO 1.º — Ora essa! Não incomoda nada! Nós somos uns para os outros...

O VIZINHO DO 2.º — Não imagina quanto me agrada essa doutrina! E' deliciosa...

A FILHA DO 1.º — Quem? (Esta pergunta é uma acha lançada à fogueira com intenções possivelmente ilícitas. Depois que se não queixe...)

O VIZINHO DO 2.º — A doutrina e você, Graça... (Ainda não tínhamos dito, mas ainda é tempo de dizer que a menina do 1.º andar, filha do pai nobre, se chama Graça, como o próprio título da peça o indica insofismavelmente).

A FILHA DO 1.º — O sr. major tem coisas... (etc... etc... isto vai indo assim, ou mais além, até ao momento

psicológico em que o pano cai a sorrir maliciosamente).

TERCEIRO ACTO

(A mesma cena, sem vizinho e sem menina. O Pai, completamente viuvo e orfão de afectos, lamenta-se a um amigo da família.)

O PAI — Eis-me, enfim, inteiramente só, abandonado e triste, pobre velho, inútil, reumático e artrítico, lançado à valeta da desolação e do esquecimento...

O AMIGO DA FAMÍLIA — Tem coragem! Então a tua filha, a Graça?

O PAI (apontando, desoladamente, o andar superior) — Tanto me custou a criar, aquela ingrata! A Graça... a Graça... foi para o major!... (O Pano cai definitivamente e sem vontade de rir daquela dor respeitável).

Ruy de ORTEGA.

CARTAZ DE HOJE

Sá da Bandeira: Grandioso espectáculo com um programa sensacional.

Rivoli: Espectáculos pela Companhia do Eslava de Madrid.

Olimpia: Os grandes filmes Aves do Paraíso e Charlot na rua da Paz.

Trindade: A obra prima do cinema O pecado de Madelon Claudet.

Batalha: Os filmes O Espectro verde e Laurel e Hardy a ferros.

BARROS



VINHOS DO PORTO

DE

QUALIDADE SUPERIOR

CONCURSO DUM BOM JANTAR

Com a cooperação gentil do antigo

Restaurante Madrieno

DA RUA DE SAMPAIO BRUNO

5.ª Série de 50 jantares

que serão sorteados pela lotaria do próximo sábado 8 de Abril. Esta diferença de uma semana foi necessária em virtude de reclamações recebidas da provincia onde há terras em que a MARIA RITA chega depois de se saber o número da sorte grande.

PLANO DO CONCURSO

Todos os exemplares da MARIA RITA serão numerados em séries de 01 a 100, como se vê na senha abaixo.

O Portador do exemplar cuja senha tenha a numeração dos dois últimos algarismos do número da sorte grande de hoje, virá à nossa redacção e ser-lhe-á trocada essa senha por um cartão que dá direito a um esplêndido jantar que lhe será servido gratuitamente pelo antigo **RESTAURANTE MADRIENO.**

Além disso e para que facilitemos aos desprotegidos das loterias um bom jantar, igualmente será entregue um cartão idêntico ao portador de 10 senhas não premiadas. Toda a gente pode, portanto, comer um esplêndido jantar, confeccionado por uma ementa deliciosa no grande e antigo

Concurso dum bom jantar

5.ª Série Senha N.º

NOME

MORADA

Restaurante Madrieno

na Rua de Sampaio Bruno

A Adega Ideal do Lavrador

tem actualmente espalhadas no Pôrto, Foz, Matozinhos e Valadares-Gaia, 14 ADEGAS:
R. do Bomjardim, 361-364 (Esq. da Trav. de Liosiras), Telef. 5617; R. das Fontainhas, 193-195;
R. do Teatro S. João, 91 (Vulgo Cima de Vila); R. de Santa Catarina, 828 (Frente à R. G. Cristóvam), Telef. 5302; R. da Constituição, 1395; Av. Fernão de Magalhães, 53-55, Telef. 2484;
L. Maternidade Júlio Denis, 1 e 2 (Vulgo Campo Pequeno); Trav. da Bainharia, 24-26 (Esq. da R. dos Mercadores), Telef. 905; R. Anselmo Braancamp, 633; L. de S. Pedro de Miragaia, 5 e 7. NA FOZ — R. Senhora da Luz, 238-242, Telef. 314 — Foz. EM MATOZINHOS — R. Conde S. Salvador, 71-73 (Esquina da Avenida Serpa Pinto, Telef. 275 — Matozinhos. EM VALADARES — R. da Estação.

Brevemente: outro grande concurso da MARIA RITA